

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
O Trilho do Gato – William A. Wellman
21 e 27 de Janeiro de 2026

Robin Hood of El Dorado / 1936
A Cidade do Ouro

um filme de William A. Wellman

Realização: William A. Wellman *Argumento:* William A. Wellman, Joseph Calleia, Melvin Levy, *com várias outras participações não creditadas, baseado em* livro de Walter Noble Burns "I Am Joaquin!" (1932) *Fotografia* (35 mm, preto-e-branco, 1:1,37); Chester Lyons *Som* (Western Electric); Douglas Shearer *Montagem:* Robert J. Kern *Direcção artística:* David Townsend, Gabriel Sconamillo *Caracterização:* Jack Dawn *Consultor técnico:* H. O. Bombacher *Treino dialecto:* Allan Garcia *Música original:* Herbert Stothart *Música adicional:* Edward Ward *Coreografia (danças):* Chester Hale *Canções:* Oh Susana; Todo para Ti; Baile de Bandidos, La Golondrina *Assistente de realização:* Tom Andre *Interpretação:* Warner Baxter (Joaquin Murrieta), Ann Loring (Juanita de la Cuesta), Bruce Cabot (Bill Warren), Margo (Rosita Murrieta), J. Carrol Naish (Jack "3 Dedos"), Soledad Jimenez (Madre Murrieta), Carlos de Valdez (José Murrieta), Eric Linden (Johnnie Warren), Edgar Kennedy (Xérife Judd), Charles Trowbridge (Ramon de la Cuesta), Harvey Stephens (Capitão Orborne), Ralph Remley (Juiz Perkins), George Regas (Tomas), Francis McDonald (Pedro, o espião), Kay Hughes (Louise), Pual Hurst (Wilson), Booth Howard (Tabbard), Harry Woods (Pete), etc.

Produção: MGM (EUA, 1936) *Produtor:* John W. Considine, Jr. *Títulos de trabalho:* Born to Die, In Old California, Murieta, I am Joaquin *Cópia:* 35mm, preto-e-branco, versão falada em inglês legendada electronicamente em português *Duração:* 81 minutos *Estreia Mundial:* 13 de Março de 1936, Capitol, Nova Iorque *Estreia em Portugal:* 6 de Julho de 1937, São Luiz, Lisboa. Primeira apresentação na Cinemateca: 27 de Outubro de 1993 ("Redescobrir William A. Wellman).

Nota

Chegada imediatamente antes do início da sessão de dia 21 à Cinemateca, por questões na Alfândega que têm estado, nos últimos meses, a dificultar o trabalho da programação, a cópia de ROBIN HOOD OF EL DORADO, proveniente dos EUA, não foi visionada. Trata-se aparentemente de uma cópia sem problemas de projecção, mas fica a nota. Aos espectadores do dia 27 adverte-se que se trata de uma cópia 35 mm impecável na qual há apenas a referir um ligeiro ruído de fundo.

A "folha" de Manuel Cintra Ferreira foi escrita em 1993, por ocasião da única passagem anterior do filme na Cinemateca e editada agora em 2026.

Joaquin Murrieta, ou Murieta, é uma personagem do folclore californiano dos primeiros anos da sua entrada para a União. Como a maioria dos mitos do Oeste, Murrieta antes de ser lenda foi um personagem real, muito menos grandioso do que aquele em que o folclore popular, e a literatura de cordel o transformaram. A personagem, porém, pode juntar-se à dos irmãos James na medida em que à partida a sua tragédia (ou odisseia) começou com a expoliação da terra que cultivava (e a violação e assassinato da mulher) por pesquisadores de ouro na sequência da corrida ao precioso metal que pôs a Califórnia em polvorosa em 1848. Murrieta teria, na sequência disso, tomado o comando de uma bando de salteadores que espalhou o terror entre os "gringos" no que para uns eram acções de retaliação e uma espécie de guerrilha vindicativa, e para outros actos de feroz banditismo. São-lhe atribuídos muitos actos de sadismo pelo que os americanos da Califórnia respiraram de alívio à notícia da sua morte aos vinte e três anos, em 1853.

Diz uma versão que foi morto pelas costas por um membro do seu *gang* (o que, a ser verdade, está conforme a mitologia tradicional que "quis" que o mesmo destino tivessem Billy the Kid e Jesse James). Foi decapitado e a cabeça andou em "excursão" pelo território que assolara para gáudio da população. Diz outra versão que "não senhor", Murrieta teria escapado e acabou por morrer vinte e cinco anos depois em 1878. O que nada mais faz do que "corroborar" a lenda que fez de Billy outro "sobrevivente" da morte anunciada, tal como Butch Cassidy e o Sundance Kid. Mas nisto do "western" "quando a lenda se torna facto, imprime-se (e filma-se) a lenda". Nenhuma das versões cinematográficas de Murrieta (ou de qualquer outro dos mitos do Oeste) se preocupou com verosimilhanças. E neste caso foram cinco, incluída a de Wellman, e sem ter em conta dois telefilmes: Buck Jones (!) foi Murrieta na versão de Roy William Neill, **The Avenger** (1931), Carlos Thompson num filme mexicano de Miguel Contrera Torres, **El Último Rebelde** (1961), Valentin de Vargas interpretou o lendário bandido no filme de Maury Dexter, **The Firebrand** (1962), e Jeffrey Hunter no de George Sherman, **Joaquin Murrieta** (1964).

Robin Hood of El Dorado inspira-se na lenda que toma um cariz romântico de acordo com o título, arranjando, inclusivé, um final à altura da tragédia: Murrieta morre junto do túmulo da mulher, cujo assassinato desencadeara o drama. Mas o filme de Wellman ultrapassa os limites do moledrama romântico de acção para prolongar a série "social" do realizador, na qual se incluem títulos tão importantes como **The Wild Boys of the Road**, **Heroes for Sale** (possivelmente o mais importante filme sobre a crise económica) e o espantoso **The President Vanishes**, uma parábola política sobre uma tentativa de golpe fascista nos EUA, com um incrível conspirador chamado Lincoln Lee (!!!). Não o percamos seja por que for. No caso de **Robin Hood of El Dorado** o que está em causa é o racismo, e nenhum outro filme, até então, soube mostrar o conflito de uma forma equidistante. Wellman não esconde a simpatia por Murrieta, mas isso não o leva a um simples maniqueísmo, pondo mexicanos e americanos ao mesmo nível na violência e crueldade. Às chicotadas que marcam as costas de Murrieta, responde logo a seguir, no acampamento de "Jack 3 Dedos" com a escarninha confissão deste sobre a sua "paixão" por chineses, para ustificar a colecção de orelhas penduradas de que se vêem as sombras projectadas pela fogueira.

Não é só neste pormenor que **Robin Hood of El Dorado** antecipa o western moderno, não só aquele que "nasceu" no pós guerra (durante a qual Wellman fizera essa terrível requisitório contra a lei de Lynch que é **The Ox-Bow Incident**), mas inclusivé aquele que apareceu após o "enterro" oficial com **The Man Who Shot Liberty Valance**, e que tem o seu representante na figura de Sam Peckinpah. Julian Fox numa notável análise aos filme de Wellman publicada na *Sight and Sound* põe em comparação o massacre final de **The Wild Bunch** e o da quadrilha de Murrieta no fim do filme de Wellman, destacando não só a violência mas também a sua força catártica. Num filme como no outro tudo conflui para que aquele momento seja uma "orgia" de sangue e de aniquilação. Mas, mais sugestivo, como o mesmo crítico aponta, é a sequência que antecede o combate. Num caso como no outro há uma espécie de compasso de espera, quase idílico, visão de alternativas para as suas vidas, imagens de paz e serenas. E a música que se ouve nesse momento é a mesma nos dois filmes: "La Golondrina".

Podia-se acrescentar, também, o ritmo incisivo e a montagem rápida que Wellman imprime à acção, os cortes bruscos e a atmosfera carregada de fumo e pólvora que Wellman encenava como poucos (recorde-se o espantoso combate de polícias e adolescentes em **The Wild Boys of the Road** e o tiroteio de **Star Witness**). Por esta sequência, e por aquela veloz montagem da carreira de Murrieta, pontuada com os cabeçalhos dos jornais desfeitos a tiro e culminando na magnífica cavalgada da quadrilha sobre o mapa da Califórnia (ao nível de encenação de cavalgadas, apenas as de Ford na sua trilogia da Cavalaria, ou as de King Vidor em **Duel in**

the Sun estão ao seu nível), pode dizer que Wellman ficou bem vingado do facto de não ter dirigido **Viva Villa!** com o qual contava quando o seu amigo David Selznick foi para a MGM, tendo sido por isso que aceitou o contrato com o estúdio de Louis B. Mayer. Wellman, aliás, revidincou a participação nalgumas cenas do filme mas parece que se tratava de bravata de descontente [**Viva Villa!** (Jack Conway e Howard Hawks, 1934) é em 2026 um dos títulos incluídos na filmografia não creditada de Wellman na realização além de Conway e Hawks]. Contudo nos meses em que esteve "de folga" na MGM parece ter dado uma ajuda nalguns filmes, em particular no **China Seas** de Tay Garnett [e em **Tarzan Escapes** (Richard Thorpe, 1936) que também integra a sua filmografia de realização não creditada].

Na sequência do sucesso de **Viva Villa!** a MGM resolveu apostar noutra incursão "mexicana". E foi assim que Wellman se viu com Murrieta nos braços, para um filme cuja intensidade física e movimento é, de longe, superior ao de Jack Conway. Repare-se ainda que Wellman dá todo o relevo à acção, secundarizando a inevitável intriga amorosa: a mulher de Murrieta morre logo na primeira bobina e a relação com Juanita (Ann Loring) nunca chega a tomar lugar importante. Ela é, no fim de contas, como muitas outras mulheres na obra de Wellman: companheira de acção mais do que amante. Num certo momento o filme parece ir inverter o seu rumo, quando Murrieta assalta a casa onde se reúnem os proprietários mexicanos, onde se encontra Juanita. Seria a tradiocional linha do "bandoleiro-resgatado-pelo-amor". Mas com um golpe de rins Wellman evita o lugar comum. Juanita irá ser membro de pleno direito da quadrilha de Murrieta, porque vê nela a resistência contra o invasor americano, e morrerá ao lado dos companheiros de armas na mão, numa das mais emotivas cenas de **Robin Hood of El Dorado**. Apenas uma sombra paira sobre este belíssimo e emocionante filme que marca o regresso triunfante de Wellman ao western, depois da série interpretada por Buck Jones nos tempos do mudo (infelizmente desaparecidos), e tem que ver com o elenco, Warner Baxter principalmente. Apesar de o actor já estar conotado com personagens de mexicanos (**In Old Arizona**, o primeiro *talkie* de Raoul Walsh, e a interpretação de outro popular bandoleiro, o "Cisco Kid") a idade pesa-lhe e custa a vê-lo na figura do jovem Murrieta. Aliás trata-se de uma imposição do estúdio porque a escolha de Wellman era Robert Taylor (que teria de esperar mais cinco anos para fazer o seu primeiro western: **Billy the Kid**, de David Miller), pensando o realizador em Baxter para o pai de Murrieta.

É evidente que todo o filme está percorrido, também, por um olhar romântico sobre o bandoleiro com algumas sequências mesmo "forçadas", como é o caso da "vida" no acampamento de Murrieta quase transformado numa comédia musical. Mas a estas convenções Wellman responde, na segunda parte, com um ritmo de verdadeiro *serial* e uma energia e violência que só muito mais tarde se imporão no cinema. Eis outra das grandes descobertas Wellman.

Manuel Cintra Ferreira